



Os procedimentos do discurso jornalístico na cobertura das notícias ambientais: uma análise preliminar¹

Katarini Miguel²

Aluna regular do programa de Mestrado em Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru

Resumo

O assunto meio ambiente é de fundamental importância para entender a relação dos meios de comunicação com o meio ambiente e de que forma se dá a participação da mídia no processo de discussão das questões ambientais.

O presente trabalho busca analisar os procedimentos do discurso jornalístico na cobertura da temática ambiental, a partir de um estudo preliminar de três publicações veiculadas pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, diretamente relacionadas com a política ambiental do Brasil: Biodiversidade, Mudanças Climáticas e Geração de Energia.

Para o desenvolvimento da análise foram usados dois autores principais - Jorge Pedro Sousa e Patrick Charaudeau, que apresentam uma análise do discurso jornalístico, com diferentes estratégias para pesquisar sistematicamente as matérias de cunho informativo, avaliando o acontecimento enquanto notícia e visão social de mundo.

Palavras-chave

Meio ambiente; Discurso Jornalístico; Mudanças Climáticas; Biodiversidade

Corpo do trabalho

1. Contextualização

Thompson (1995, p.285) avalia que “o conhecimento que nós temos dos fatos que acontecem além do nosso meio social imediato, é, em grande parte, derivado de nossa recepção das formas simbólicas mediadas pela mídia”. Para ele, a comunicação de massa transformou os modos de experiências e os padrões de interação das sociedades modernas.

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Inovcom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² A autora é bacharel em comunicação social, com habilitação em jornalismo. Atualmente é coordenadora do programa de comunicação do Instituto Ambiental Vidágua e aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, nível mestrado, pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp, campus de Bauru (k-miguel@uol.com.br)



Ainda quando se considera o exercício político sobre as questões ambientais, faz-se necessário analisar a construção e o tratamento destas notícias que conseqüentemente, influenciam a visão do leitor e podem comprometer políticas públicas.

Mas de que forma o jornal realiza tal influência? Quais as estratégias utilizadas para informar e gerar significados? Neste breve estudo, serão investigados os procedimentos que podem ao menos sinalizar com as respostas destas indagações.

É necessário aqui uma breve contextualização do tema e do objeto da análise, para compreender em que conjuntura se realizam as publicações. Para Sousa (2004) a pesquisa deve incidir não apenas no fenômeno, mas também no seu contexto, tendo em mente o modelo de jornalismo praticado pelo jornal dentro do sistema político, o grau de liberdade e o tipo de público envolvido.

No caso, o jornal analisado - *O Estado de S. Paulo* se enquadra no modelo ocidental de jornalismo, aquele que teoricamente confere maior liberdade aos jornalistas, preza por dados objetivos, análises, interpretação de dados, investigação e crítica sem censura ou ameaça de repressão. Mas Sousa alerta para as limitações econômicas deste tipo de jornalismo, que atua enquanto indústria dependente dos recursos financeiros oriundos, em sua maioria, da publicidade e propaganda.

O Estado de São Paulo é o mais antigo jornal fundado em São Paulo que ainda permanece em circulação. O primeiro número foi publicado em 4 de janeiro de 1875, declarando tratar-se de um órgão independente. Schwarcz (1987, p.84) lembra que *A Província*, posteriormente, *O Estado de S. Paulo*, buscou marcar sua especificidade desde o início, caracterizando-se enquanto um jornal vinculado às “novas teorias da época”. Os grandes valores reiterados nas matérias e reportagens do jornal eram o progresso e a civilização, dando grande destaque aos temas científicos e às teorias positivistas e evolucionistas. Atualmente, o jornal, com 133 anos de atuação, tem uma tiragem média de 300 mil exemplares por dia, atendendo um público característico de jornal impresso no Brasil - classe média e média alta.

As notícias analisadas no *Estado de São Paulo* são da categoria informativa, gênero noticioso, factual, incluindo questões de serviço, entrevista e reportagem, ou seja, trata-se do discurso sobre um acontecimento recente, feito a partir de relatos e citações, o que vai



permitir avaliar o perfil editorial do jornal e as mensagens subjacentes à objetividade pretendida.

2. O processo de produção da notícia e as hipóteses da temática ambiental

É importante conhecer as características e certos indicativos do discurso midiático para identificar as escolhas e os critérios dos veículos de comunicação no processo de produção da notícia.

Segundo Charaudeau (2006, p.12) o discurso da informação é uma atividade de linguagem “que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário”. A linguagem é colocada enquanto “ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a situação da fala numa comunidade social ao produzir sentido” (p. 33-34). A informação é, para o autor, uma questão de linguagem, que não é transparente ao mundo, mas apresenta um sentido particular, que é caracterizado por escolhas daquilo que se retém ou despreza, amparado por estratégias discursivas. Todo o discurso, no caso, jornalístico, antes de representar o mundo, representa uma relação de troca, transação entre quem fala e para quem fala ou se quer falar.

A comunicação, nesse sentido, pode fazer um julgamento do mundo pela escolha das palavras, vocábulos que pode qualificar pessoas e ou situações. Charaudeau (2006) exemplifica que na mídia certas palavras como estrangeiros, imigrantes, pardos carregam efeitos de sentido, e quando usadas em situações recorrentes pelos mesmos locutores, acabam por agregar determinados valores e até efeitos de verdade ao se inscrever nas normas e conhecimento do mundo.

Para retratação do acontecimento é preciso que uma realidade seja percebida e modificada para atender os requisitos do discurso jornalístico, para isso são utilizados efeitos de saliência e significação no texto. Os acontecimentos são selecionados pelo potencial de atualidade, socialidade (capacidade de construir universos e tematizar) e imprevisibilidade, coloca Charaudeau. Mas a informação é proveniente de empresa, portanto, o autor frisa que ela não é gratuita ou filantrópica, precisa atrair seu público. Para isso, recorre a estratégias de linguagem para despertar o interesse e seduzir o leitor, o que acaba por produzir um efeito de banalização, saturação e dramatização do assunto.



Sousa (2004) lembra que a linguagem é mediada entre o mundo e as idéias e imagens que temos dele. Ele avalia que o discurso objetivo dos jornais procura que o sujeito enunciador se anule ao máximo face ao objeto enunciado, para camuflar um processo objetivo que vai terminar com a recepção, “a percepção e integração cognitiva da notícia na mente do receptor, mediadas pela linguagem, num enquadramento circunstancial que abarca aspectos pessoais, sociais e ideológicos e sociais” (Sousa, 2004, p.18).

A notícia, como coloca Sousa, pressupõe um processo de produção (*Newsmaking*) que envolve a seleção, hierarquização e transformação dos acontecimentos em padrões de notícia, ou seja, com características específicas para divulgação. Mas as influências deste processo são inúmeras: do próprio jornalista que tem seu histórico, suas convicções; as limitações com tempo para recolher todas as informações necessárias até o fechamento da edição; as rotinas jornalistas que geram, inclusive, semelhanças nos formatos e conteúdos dos jornais, com predomínio de determinados assuntos e fontes; além das influências econômicas e políticas que podem incidir sobre cada veículo. Assim, cada jornal dentro da sua especificidade vai atuar com critérios de noticiabilidade, que vai determinar o que é notícia a partir de características como atualidade, repercussão, magnitude, ineditismo, facilidade de cobertura e até a procura por fontes de informação, que pode revelar determinada relação de poder.

Mas Charaudeau lembra que muitas vezes a mídia tira partido de casos intermináveis porque permite “descrever a exaustão acontecimentos do espaço público seguindo um roteiro dramatizante que se encerra invariavelmente com as eternas questões sobre o destino humano” (Charaudeau, p.93) É justamente o que acontece na temática ambiental que suscitam dúvidas como “a que ponto chegamos?” “como é possível?” “a culpa é nossa”, revelando a dramaticidade colocada à questão

O assunto ambiental está em ascensão na mídia e é preciso conhecer o tratamento destas notícias. As características do tema dificultam a cobertura e a escolha de valores-notícia que atendam ao público ávido pela informação ambiental. Vale colocar também que é um assunto interdisciplinar que envolve diversas questões e pode ser alocado em diferentes seções do jornal.

Sobre o assunto já foram levantadas hipóteses que norteiam o presente estudo. A temática ambiental ganhou inúmeras vertentes e interpretações na mídia, que apresentam a



questão de maneira ora romantizada, ora catastrófica, ora antropocêntrica ou ainda banalizam a temática para criar uma realidade ambiental autônoma, isolada e desvinculada das relações de interdependência que se estabelecem entre natureza e sociedade.

Para Gonçalves (p.63), no mundo contemporâneo, a natureza ainda é vista de maneira dicotomizada, ou como algo hostil, lugar da selva de luta, sendo necessária a presença do Estado, ou como um local de harmonia e bondade, num contexto romantizado. A abordagem ambiental por vezes é reduzida ao campo dos danos industriais em uma visão tecnocrática, que acaba marginalizando aspectos políticos e sociais intrínsecos à questão.

A questão para Dutra (2000) é se de fato existe um discurso ecológico. Ele coloca que a origem deste discurso estaria nas visões dominantes de ciência, de capital e de gerenciamento. As noções de risco ambiental, por exemplo, são recorrentes na mídia, não apenas quando há referências às florestas tropicais e à perda de biodiversidade, mas também sobre desastres nucleares, ameaças de disseminação de produtos tóxicos no ambiente, entre outros assuntos. Outros tipos de discursos avaliados por ele, elucidam a perda, nostalgia, perigo. Ou até mesmo uma visão de catástrofe ou extrema valorização.

3. Escolhas metodológicas

As escolhas dos procedimentos de análise visam se ater as principais características do texto que podem revelar certa intenção e merecem uma análise mais aprofundada - como os excertos representativos dos discursos, que justificam determinadas proposições e juízos que os meios de comunicação possam fazer. “É assim a tarefa do pesquisador localizar, identificar, selecionar, recolher, descrever e analisar elementos de interesse para sua pesquisa” (Sousa 2004, p.65).

Neste sentido, Sousa relata ser importante determinar categorias de análise, que podem envolver estudos das estruturas textuais, determinação das qualidades atribuídas às fontes, personagens citados, verbos de declaração, levantamento entre vocábulos e frases que incidem sentidos, ou seja, determinadas organizações do discurso, capazes de direcionar a construção de significados. É possível também evidenciar os argumentos que servem de base para determinada posição e o modo como ele é construído no texto.

O uso de determinadas palavras e associações podem desvelar as intenções de um enunciador, assim como utilização das aspas, itálicos, pronomes, adjetivos e figuras de



estilo, que servem para simplificar a informação, exagerar, relativizar, revelar embates, polemizar. As figuras de estilo - metáfora, metonímia, personificação, paradoxo, hipérbole, também geram determinado sentido, que fogem do âmbito do acontecimento em si.

Mas a relação não é tão direta assim. Sousa lembra que os enquadramentos em matérias noticiosas podem estar por trás da perspectiva das fontes - se gera embate, polêmica, conflito ou mesmo uma situação amigável. As fontes são fatores essenciais para análise, “o recurso sistemático a determinadas fontes que dizem o mesmo pode revelar determinada tendência editorial” (Sousa, 2004, p.86).

Charaudeau (2006) avalia que a escolha das fontes determina o tipo de discurso. Ele cita, por exemplo, que a mídia só se interessa pelo anonimato se puder integrar a palavra do anônimo em uma situação dramatizante ou de testemunho. As fontes de informação ainda podem ser nomeadas de diversas formas, que também implicam determinado efeito de sentido, pelo nome, sobrenome, apelido, mediante uma noção vaga para preservar anonimato, ou quando realmente se ignora a identidade. Segundo o autor, as fontes compõem a imagem institucional do veículo e podem ser escolhidas pelo seu efeito de decisão (fontes oficiais) ou pelo efeito de saber (especialistas e pesquisadores). Também há a escolha pelo efeito de opinião, contrapondo mensagens, fazendo apreciações e julgamento para evidenciar uma imagem democrática; ou ainda pelo efeito de testemunho, anonimato, o que sinaliza para uma imagem mais populista do jornal.

As escolhas dos verbos de declaração/ enunciação (acredita, afirma, avalia...) também deve ser analisada, pois pode influenciar na credibilidade da informação, produzindo efeitos de verdade, seriedade, evidência, suspeita, identificação.

Para Charaudeau (p.186), o comentário/ explicação utilizado pela mídia para elucidar fenômenos simplifica a complexidade dos acontecimentos, a partir das estratégias que os tornam mais acessíveis, com explicações deterministas que beiram a vulgarização para ser motivador, e acaba por criar estereótipos. E ainda podem correr o risco de “produzir efeitos perversos de dramatização abusiva, de amálgama, de reação paranóica”, avalia (Charaudeau, 2006, p.187). Ainda quando se tenta ser democrático e colocar diversos pontos de vista convergindo, é preciso ficar atento, porque a contradição que não elucida as questões e, geralmente, foge do âmbito do assunto principal, bloqueia a análise crítica e gera a falsa impressão de discursos opostos. Outra questão é quanto a representatividades



de grupos minoritários que são divulgados, mas na maioria das vezes de forma fragmentada com pouco espaço concedido “o suficiente para mostrar que ele teve o direito de falar” (Chauradeau, 2006, p.199).

Também é possível ver a divisão em seções ou editorias, o contexto gráfico, dimensão da matéria nas páginas do jornal, tamanho, localização na página, destaque em 1ª página, utilização de fotos, infográficos e mapas. Detalhes como gráficos, infográficos e mapas sugerem explicações e dão mais veracidade ao caso, de acordo com Charadeau.

Mediante os pontos colocados, a análise em questão irá se ater a três procedimentos colocados por Sousa (2004), que foram complementados por Charadeau no estudo deste capítulo: *Procedimentos de objetivação*, com análise das fontes de informação e verbos de declaração, seleção e hierarquização dos acontecimentos, citações escolhidas, significado no contexto, adjetivação das fontes e declarações. *Procedimentos de intensificação e dramatização* uso de vocábulos, palavras e adjetivos que gerem exagero, simplificação, oposição, deformação e amplificação emocional na mensagem. *Procedimentos de persuasão* – que prioriza a menção das causas dos acontecimentos, construção de textos emotivos, com superioridade de determinados argumentos, evidenciando vantagens e desvantagens da situação e referência hipotéticas.

4. Análise dos procedimentos jornalísticos

As análises são feitas com três reportagens jornalísticas publicadas no *Estado de S. Paulo* nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2007 relacionadas ao tema ambiental: Biodiversidade, Mudanças Climáticas e Energia/Combustíveis. São três assuntos diferentes, selecionados em uma amostra aleatória de três dias distintos, com espaço de pelo menos 10 dias entre uma publicação e outra. Os temas, apesar de pertencerem à mesma temática, trazem assuntos diferenciados, que foram localizados em editorias diferentes e com enfoques distintos. As publicações são extensas (média de 7 mil caracteres), com mais de uma matéria sobre o mesmo assunto, enfoques diferenciados e gêneros jornalísticos que variam do factual à entrevista e análises. Uma das reportagens foi manchete principal do jornal e outra recebeu chamada de capa, evidenciando o espaço dado à temática. As três matérias com destaques, abordagens e editorias diferentes, vão permitir ter uma visão mais abrangente do perfil editorial do jornal.



Matéria 1. O Estado de S.Paulo, 18 de novembro de 2007

Caderno geral, Editoria: Vida &

Chapéu: Aquecimento Global

Título: Amazônia está sufocada, diz Ban

Linha Fina: Secretário-geral da ONU surpreende e faz referência direta à floresta no encerramento da 4ª reunião do IPCC

O texto, de categoria informativa, gênero noticioso, escrito em estilo reportagem, engloba o comentário do secretário-geral da ONU, Ban-Kin-moon, sobre a degradação da floresta amazônica, e o perigo da vegetação se tornar savana em médio prazo.

A matéria traz uma chamada de capa: “Amazônia está sufocada, diz secretário da ONU” e é escrita por jornalista especial para o próprio *Estado*. Trata-se de uma reportagem interpretativa, haja vista a extensão do texto, utilização de gráficos, levantamentos, desenhos explicativos e interpretativos, ilustrações e ainda com adendo para uma matéria relacionada - “Alguns países terão de pôr a mão no bolso”, com o cientista e membro do IPCC (Painel Intergovernamental) de Mudanças Climáticas, Peter Bosch.

A matéria é baseada em uma declaração oficial, relacionada diretamente ao Brasil, com o mote principal do aquecimento global, e também centrada no Relatório divulgado pelo IPCC. Analisando outras fontes de informação foi possível constatar outras fontes oficiais como o presidente do IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas) Rajendra Pachauri e a Secretária de Mudanças Climáticas do Ministério do Meio Ambiente, Thelma Krug, e uma fonte proveniente de organização não governamental, a Porta-Voz do Greenpeace internacional, Stephanie Tunmore. Aqui já é possível notar os procedimentos de objetivação, que evidenciam a tendência oficial do jornal, reforçando o efeito de decisão que estas fontes possuem e podem influenciar na imagem de credibilidade.

Os verbos de declaração utilizados reforçam a seriedade das fontes e a dramaticidade da situação. Por duas vezes é utilizado o verbo enfatizar e o texto dramatiza a questão, colocando que o secretário “teme que a floresta não tenha tempo para se adaptar às mudanças climáticas”. Em outro trecho, coloca que as fontes acreditam que são necessárias “respostas políticas ao problema”, mas este tema não é desenvolvido.



A reportagem também é vaga quando coloca que a Amazônia foi citada como um exemplo do que a humanidade deve evitar, mas não exemplifica o porquê. A declaração do secretário da ONU, assim como outros trechos escolhidos para reprodução literal têm forte apelo emocional. “A floresta está sufocada”; “toda a humanidade deve assumir a responsabilidade por estas jóias em nome das próximas gerações”.

A representante da organização não governamental Greenpeace encerra a matéria dizendo que é preciso projetar ações contra o aquecimento global, ou seja, apenas corroborando o que foi dito por especialistas. O jornalista ainda afirma que a ambientalista “saudou” o texto (do IPCC) . No caso, os grupos minoritários, como colocou Charaudeau tem voz apenas para constar e mostrar uma falsa pluralidade de fontes de informação .

O jornal faz um retrospecto da publicação do IPCC, ressaltando que as afirmações do documento surpreenderam os jornalistas. O conteúdo do documento é tratado de maneira interpretativa, sem se referir a fontes de informação, e sem entrar nos méritos científicos ou informações mais contundentes, e novamente generalizando a informação, através de fontes não determinadas. O texto afirma que os Estados Unidos (enquanto governo? Nação? Sociedade?) se mostraram mais reticentes em conter as mudanças climáticas enquanto o Brasil foi elogiado por sua postura técnica (mas qual postura?) e que os ambientalistas se mostraram críticos a situação ambiental.

São extraídos do texto trechos impactantes, e de certa forma, mais simplistas e menos técnico do relatório. Vale lembrar que se trata de um documento com duas mil páginas baseado em pesquisas de um grupo, que envolve mil pesquisadores científicos.

A reportagem utiliza as tendências de aumento da temperatura para mostrar um cenário catastrófico, sem portanto, citar medidas ou responsabilidades, evidenciando os procedimentos de persuasão..

A matéria também traz quadros de fotos “Impactos Possíveis” com fotos chocantes de enchentes, seca, poluição e imagens atrativas para representar a extinção de ursos polares e ecossistemas. Esta superioridade de argumentos, utilizando textos e imagens emotivas indicam um forte procedimento de persuasão para convencer e atrair o leitor. Ainda completa o texto um quadro com as emissões de gases poluentes divididas por setores: geração de energia, indústria, florestas, setor agropecuário, transportes, construções e rejeitos sólidos e líquidos, e um quadro sobre efeito estufa como era antes do homem e



como se tornou com a ação humana, evidenciando em tom de vermelho a degradação causada no planeta.

Como adendo da matéria principal o jornal traz entrevista com um cientista do IPCC - “Alguns países terão que pôr a mão no bolso”

Linha fina: Produtores de petróleo não evitaram referência a fontes limpas de energia e financiamento para países pobres ficou fora do texto.

A entrevista inicialmente para fazer um balanço das discussões sobre aquecimento global, começa com forte apelo emocional, revelando certa dramaticidade “O maior esforço científico da historia da humanidade”, fazendo referência ao trabalho do IPCC. A entrevista em estilo ping-pong se foca na citação sobre a importância da preservação da Amazônia, na polêmica sobre a posição norte-americana no que se refere às medidas para conter o Aquecimento Global e na conduta responsável que o Brasil vem desenvolvendo. Novamente o texto é feito em cima de fonte oficial, desta vez, com efeito de saber e conhecimento, uma vez que se trata de um cientista, mas sem dar margens para contestações ou entrar em méritos técnicos e mais explicativo da questão.

Matéria 2. O Estado de S.Paulo, 21 de outubro de 2007

Caderno geral, Editoria: Vida&

Chapéu: Floresta Ameaçada

Título: Desmatamento cresce 600% na fronteira do Brasil com a Bolívia

Linha Fina: Imagens de satélite apontam arco de devastação causado por crescimento econômico e construção de hidrelétricas.

A matéria, de grande extensão com um texto complementar, foi manchete principal do jornal “Derrubada de floresta na fronteira cresce 600%”, com complemento: “Desmatamento avança na região limítrofe de Rondônia com a Bolívia”.

O texto de gênero noticioso e factual é escrito em estilo reportagem, com interpretação dos dados, infográficos e imagens. Trata do índice de desmatamento, equivalente 42 km² de árvores em apenas um ano, divulgado pelo Sistema Oficial de Detecção do Desmatamento, e avalia a ameaça de mais desmatamento na região com a previsão de construção de duas hidrelétricas no rio Madeira.



As fontes utilizadas que contribuem na objetivação do tema são basicamente os Dados do Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), coletados pelo Deter (Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real) e a Diretora de fiscalização do Ibama em Rondônia, Nanci Rodrigues da Silva.

São citados os funcionários do Ibama e dos órgãos estaduais de Administração do Meio Ambiente, inclusive fazendo avaliação do mapa de desmatamento e detectando os problemas e as causas, no entanto, eles não são discriminados e as informações são tomadas como generalistas. Vale ressaltar novamente a insistência em fontes oficiais, mas desta vez revelando certo embate dentro do próprio contexto oficial. A utilização das fontes revela o conflito. A diretora do Ibama afirma que “o Estado não tem interesse em combater o desmatamento” e ainda faz críticas ao órgão federal Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que segundo é colocado na matéria, não realiza a regularização fundiária das terras e isso facilita o desmatamento. A diretora é apontada em toda extensão da matéria, ficando nítida o grande espaço dado para seu posicionamento, que se mostra exagerado nas citações reproduzidas pelo jornalista “Não estou falando nem de 6% nem de 60%. Estou falando de 600%” e outras declarações impactantes e de certa forma simplistas. O próprio jornalista conclui que fiscalização é ineficiente e insuficiente para o tamanho da área

Logo no início da reportagem notam-se os procedimentos de intensificação, afirmando que o desmatamento no Estado de Rondônia virou um “escândalo nacional”. E cita que a explosão do desmatamento foi causada pelo incremento da atividade econômica e expectativa da construção de hidrelétricas, sem entrar em méritos técnicos ou dados mais conclusivos. A matéria também faz referências a outras publicações do jornal que já anunciavam o fato, dando credibilidade e veracidade ao veículo de informação.

A foto principal que ilustra a matéria também tem forte apelo mostrando helicóptero do exército sobrevoando área desmatada e destacando que para o Ibama “Estado não tem interesse em combater desmatamento”.

Há ainda um texto complementar “Achava que era exagero da mídia, que era tudo fantasia”, com declaração do Comandante da Infantaria da Selva, tenente coronel Paulo Eduardo Monteiro, sobre a situação de desmatamento no país. O texto além de evidenciar novamente a fonte oficial, ainda exalta a credibilidade da imprensa na própria afirmação



oficial, que consta no título. As declarações do coronel ainda revelam certo exagero “o que acontece aqui é escandaloso” e enfatizam a importância da divulgação na imprensa.

Para atender os procedimentos da pluralidade de informação, o jornal oferece espaço para a resposta do Governo de Rondônia, que foi duramente atacado em matéria principal. Na entrevista, com menor tamanho e destaque “Secretário contesta dados e diz que Estado preserva a mata”.

Linha Fina: Augustinho Pastore afirma que Rondônia faz sua parte pelo ambiente

O espaço concedido ao Secretário de Desenvolvimento do Meio Ambiente apresenta suas contestações sobre os dados do Ibama, mas coloca que ele “reconheceu” uma parcela deste desmatamento. Ao utilizar verbos como “contestar” e “reconhecer” o jornal evidencia a contrariedade da posição da fonte e gera dúvidas quanto a declaração oficial. A matéria também coloca que o secretário defende os madeireiros, “dizendo que proporcionam desenvolvimento do Estado”, e termina com uma afirmação do secretário de que “tem de haver meios de sobreviver”, de certa forma a escolha desta declaração serve para justificar por meios não muito coerentes o desmatamento ocorrido no Estado, o que deixa o secretário, fonte de informação, com uma defesa infundada.

Matéria 3. O Estado de S.Paulo, 10 de dezembro de 2007

Caderno Economia & Negócios, Editoria: Economia

Chapéu: Energia

Título: Governo leiloa usinas no Madeira, mas não resolve problema de energia

Linha Fina: Para atender o aumento do consumo, o País teria de construir o equivalente a um Complexo do Madeira por ano.

O texto noticioso e factual é escrito em estilo reportagem. O assunto principal e factual é o consórcio, promovido pelo governo federal, para iniciar as obras das usinas no rio Madeira, mas a matéria tem características analítica e interpretativa, deixando a concorrência do consórcio para um segundo plano. A matéria ocupa toda a capa do caderno de Economia & Negócios, merecendo texto complementar, foto grande e quadro explicativo com as concorrentes do consórcio de energia.

As fontes para compor o texto jornalístico são generalizadas “na avaliação dos especialistas” (quais?), e reforçam a idéia da necessidade deste tipo de empreendimento e



de mais agilidade para tirar “os projetos do papel”, sem revelar que a demora é resultado de um processo de estudos de impactos ambientais que este tipo de empreendimento é obrigado a fazer. A matéria também coloca que “os especialistas” acreditam que é preciso esforço para construção de usinas nucleares, novamente desconsiderando o impacto ambiental de tal empreendimento. “Os ambientalistas” críticos da obra são colocados de maneira generalista com argumentos pouco convincentes, de que o rio tem excesso de sedimentos que podem inviabilizar a obra, mas sem se aprofundar nestas questões técnicas ou mesmo entrar nos méritos de uma discussão ambiental sobre o impacto das usinas.

Como fonte de informação a matéria também utiliza um projeto de Usina entregue a Aneel sem, contudo, discriminá-lo e o diretor do Centro Brasileiro de Infra-Estrutura, Adriano Pires, que é denominado pelo jornalista como pessimista no prazo de funcionamento da usina. Também é citada uma fonte extra-oficial o ex-Secretário do Ministério de Minas e Energia, Afonso Henriques, citado como um entusiasta do empreendimento. Como se nota, a matéria de viés econômico, privilegia as fontes ligadas à área dá um enfoque reducionista à questão, com falsos discursos opostos que sinalizam para uma mesma conclusão: a necessidade de investimentos, com afirmações como “alerta da necessidade de concessão de novos empreendimentos”.

O *lead* da matéria afirma que o complexo do rio madeira é “o empreendimento elétrico mais importante e desafiador do Brasil”, carregando de intensidade tal afirmação, mas faz um contraponto citando que está longe de resolver o problema do Brasil. A utilização deste paradoxo intensifica a urgência da questão e dá dramaticidade à questão energética no país. A matéria ainda coloca, sem fontes de informação confirmando, que uma das hidrelétricas que vai a leilão é vista como a salvação do País (por quem? Que tipo de salvação?) A utilização de termos como solução, salvação, esforço dão o tom dramático e de urgência à questão.

O texto faz críticas indiretas ao movimento ambiental que é contra os empreendimentos, afirmando, por exemplo, que mal começou processo de licenciamento e as obras já são alvo de protestos de ambientalistas. E evidencia as declarações sobre os benefícios das usinas “é o conjunto dessas usinas que vai dar segurança de abastecimento ao país”. Também são revelados embates ao colocar que as novas usinas “devem render



inúmeras discussões e brigas com ambientalistas”. A construção destes argumentos demonstra claramente um procedimento de persuasão por parte do jornalista.

Todas as fontes de informação devidamente identificadas defendem o empreendimento, enquanto os ambientalistas que são contra, aparecem de maneira generalizada e sem argumentos contundentes. Aqui se nota o pouco espaço dado a opiniões divergentes, que não estão de acordo com os argumentos evidenciados na matéria.

A matéria complementar coloca em evidência duas empresas “Vale pode se tornar sócia de Camargo e Correa”. O texto ressalta o valor do megawatts e o mercado de geração de energia. Sem citar diretamente a fonte de informação, o texto coloca que a Vale reclamou das dificuldades em entrar nos consórcios. Também afirma que a Votorantin estaria interessada em participar dos consórcios, mas não teve sucesso nas negociações, sem entrar nos méritos desta transação.

5. Considerações

O presente estudo vai auxiliar uma pesquisa mais ampla que irá analisar a cobertura das notícias ambientais no jornal *O Estado de S.Paulo* no período de um ano. Mas aqui já foi possível identificar algumas características, a partir da análise dos procedimentos discursivos que sinalizaram que a temática não é estanque está em diferentes editorias, seções e recebe abordagens distintas, o que evidencia a interdisciplinaridade do tema.

Conforme levantamento preliminar, foi constatado que o tema ambiental traz forte apelo emocional, e que esta estratégia é amplamente utilizada para dar destaque às matérias. As fotos e infográficos também evidenciaram este apelo, corroborando os textos com imagens chamativas, ilustrações permeando o texto, que trazem pouca informação mais atraem pelo visual e impacto. Estas características deixam a matéria mais atrativa para o leitor. Os procedimentos de persuasão são constantemente utilizados com predominância de determinados argumentos em detrimento de outros, e utilização de termos e palavras que recorrem ao emocional e dramatizam a questão.

As fontes oficiais foram a maioria nos textos e quando se deu espaço para grupos minoritários e alternativos foi apenas para confirmar os argumentos já colocados ou mesmo para revelar embates. Vale ressaltar que as afirmações minoritárias não acrescentaram informação, o que confirma a colocação de Charaudeau (2006) de que o jornal dá o espaço



apenas para aparentar um discurso democrático. As fontes mesmo em lados opostos tinham os mesmos argumentos, mas geravam a falsa impressão de discursos opostos. Além disso, muitas fontes foram colocadas sem denominação específica, o que pode significar desconhecimento por parte do jornalista ou ainda generalização de uma afirmação do senso comum, sem considerar a diversidade dos grupos existentes em cada setor.

Os argumentos sobre os prejuízos ao meio ambiente não entraram no mérito científico da questão e as explicações superficiais e fragmentadas evidenciaram uma idéia romântica de preservar a natureza. A matéria na editoria de economia também desconsiderou questões técnicas, para evidenciar os dados financeiros e incentivar a construção de usinas que comprovadamente causam prejuízos ao meio ambiente. Avalia-se, neste sentido, que os valores científicos que marcaram a fundação do jornal, se perderam para dar espaço a textos mais emotivos.

É possível concluir, preliminarmente, que o meio ambiente é abordado de maneira fragmentada, romântica e catastrófica. Ao colocar o homem como centro da questão e não como parte dela, a cobertura feita pelo jornal vai ao encontro de um paradigma antropocêntrico, deixando dúvidas sobre o real compromisso do jornalismo contemporâneo.

6. Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, P. **O Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUTRA, M.J.S. **Pensando em TV e Biodiversidade: Existe mesmo um discurso ecológico?** Trabalho apresentado ao XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte, Minas Gerais: Intercom, 2003.

GONÇALVES, C.W. **Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 1993.

MONTEIRO, T. Desmatamento cresce 600% na fronteira do Brasil com a Bolívia. **O Estado de São Paulo**, 21 de outubro de 2007. Disponível em: www.estado.com.br/editorias/2007/10/21/ger-1.93.7.20071021.1.1.xml. Acesso em: 21.01.2008

NETTO, A. Amazônia está sufocada, diz Ban. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 de novembro de 2007. Disponível em: www.estado.com.br/editorias/2007/11/18/ger-1.93.7.20071118.1.1.xml. Acesso em: 21.01.2008



PEREIRA, R. Governo leiloa usinas no Madeira, mas não resolve problema de energia. **O Estado de São Paulo**, 10 de dezembro de 2007. Disponível em: www.estado.com.br/editorias/2007/12/10/eco-1.93.4.20071210.1.1.xml. Acesso em 21.01.2008

SCHWARCZ, L.M. **Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1987.

SOUSA, J.P. **Introdução a análise do discurso jornalístico**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2004.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Teoria social crítica dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.